Psicologia: Teoria e Pesquisa
Mai-Ago 2003, Vol. 19 n. 2, pp. 117-125

A Teoria Freudiana da Consciência[1]

Gilberto Gomes[2]
Universidade Federal Fluminense

RESUMO - Reunindo referências esparsas em sua obra, o artigo investiga quais as concepções de Freud sobre a consciência e como elas se articulam no corpo de sua teoria e com a prática psicanalítica. A consciência é vista como percepção do mundo exterior, de sentimentos e de processos do pré-consciente. Resulta da atividade de um sistema específico (o sistema percepção-consciência). A superação das resistências leva uma representação inconsciente a se tornar pré-consciente, através de ligação a representações de palavras. A atenção pode tornar conscientes certas representações pré-conscientes. A consciência não é uma propriedade intrínseca de certos sentimentos e pensamentos. Estes não são necessariamente o que parecem ser para o próprio sujeito. O processo pelo qual certas representações pré-conscientes, mais duráveis, se tornam transitoriamente conscientes pode abrir o caminho para a suspensão do recalque.

Palavras-chave: consciência; inconsciente; psicanálise; metapsicologia; Freud.

Freudian Theory of Consciousness

ABSTRACT - From the analysis of various passages in Freud's works, we try to find out what his conception of consciousness is and how it relates to his general theory and to psychoanalytical practice. Consciousness is seen as perception of the outside world, of feelings and of processes in the preconscious. It results from the activity of a specific system (the system perception-consciousness). The overcoming of resistances allows an unconscious presentation to become preconscious, through linkage with word presentations. Attention may make certain preconscious presentations conscious. Consciousness is not an intrinsic property of certain feelings and thoughts. These are not necessarily what they seem to be to the subject. The process through which certain preconscious presentations, of longer duration, become transitorily conscious may open up the way to a lifting of repression.

Key words: consciousness; unconscious; psychoanalysis; metapsychology; Freud.

A princípio, a grande novidade da psicanálise era a extensão, a complexidade e a importância por ela atribuída ao inconsciente. Hoje que a idéia de uma atividade psíquica inconsciente não causa mais surpresa, pode-se dar maior ênfase ao questionamento do que é isso que falta aos processos inconscientes. Devendo-se reconhecer também a importância das relações e transições entre processos inconscientes e conscientes, abre-se o espaço para questionar como a psicanálise deve conceber a consciência.

A isto se acresce o fato de que a consciência tem sido, recentemente, objeto de intensas pesquisas, tanto por parte da neurociência (Edelman, 1989; Crick, 1994), da neuropsicologia (Weiskrantz, 1997; Damásio, 2000/1999) e da psicologia cognitiva (Baars, 1988, 1997; Marcel & Bisiach, 1988), quanto por parte da filosofia da mente (Rosenthal, 1991; Metzinger, 1995; Searle, 1997; Fernandes, 1995). Torna-se assim oportuno, para indagar como a psicanálise pode se relacionar a estes recentes desenvolvimentos, verificar de que maneira a teoria psicanalítica conceitua a consciência.

Embora Freud nunca tenha publicado um trabalho específico sobre a consciência, em vários pontos de sua obra encontram-se referências ao tema. O objetivo deste trabalho é reunir e analisar essas referências, verificando quais as concepções de Freud sobre a consciência e como elas se articulam no corpo de sua teoria.

A possibilidade de uma explicação da consciência, segundo Freud

Freud afirmou que a consciência é um "fato sem igual, que resiste a toda explicação ou descrição" (1938, p. 79)[3]. Isto pode nos fazer pensar que sua concepção da consciência se aproxima do que certos autores atuais chamam de "misterismo" (em inglês, "mysterianism") (Flanagan, 1992; Chalmers, 1996, p. 379). Segundo esta posição, a consciência é essencialmente um mistério que não pode ter explicação científica.

Estaríamos nos enganando, entretanto, se nos prendêssemos a esta citação para concluir que não há lugar para a explicação da consciência no pensamento freudiano. Como veremos, apesar de certas ambigüidades, a consciência tem no seu sistema teórico um lugar preciso, o de um "órgão sensorial" para a detecção de qualidades psíquicas e de processos de pensamento.

A análise do conjunto dos textos pertinentes sugere que, quando Freud diz que a consciência é inexplicável e indescritível, ele está pensando na consciência segundo a perspectiva da primeira pessoa, isto é, no fato de estar consciente tal

---

1 O autor teve apoio financeiro do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, durante a preparação deste trabalho. Uma versão preliminar deste trabalho fez parte da tese de doutorado do autor, defendida na *Université Paris 7* (Gomes, 1998).
2 Endereço: R. Lopes Quintas 100-605-I, 22460-010 Rio de Janeiro. E-mail: ggomes@alternex.com.br

3 As citações extraídas de fontes em línguas estrangeiras foram traduzidas por mim.

como este se apresenta à nossa própria consciência. Para cada um de nós, em sua experiência íntima, o fato de estar consciente é um dado bruto sobre si mesmo, cuja natureza parece insuscetível a qualquer análise ou explicação, ou mesmo a qualquer definição não circular (Block, 1995a, 1995b). Esta impenetrabilidade da consciência, do ponto de vista da primeira pessoa, não significa, no entanto, para Freud, que ela deva ser metodologicamente ignorada.

Seria um engano pensar que, por ser uma teoria e uma clínica do inconsciente, a psicanálise não se ocupa com a consciência. Basta pensar em toda a importância que a psicanálise dá ao discurso do paciente. Todas as representações e processos inconscientes de que trata a psicanálise só podem ser inferidos daquilo de que o paciente tem consciência. Como Freud afirmou, "a qualidade de ser consciente... permanece sendo a única luz que ilumina nosso caminho e nos conduz através da obscuridade da vida mental" (1938/1964, p. 286).[4]

Tampouco esta impenetrabilidade da consciência, na perspectiva da primeira pessoa, significa, para Freud, que devamos nos abster de formular qualquer teoria explicativa sobre ela. Podemos constatar, com efeito, que ele desenvolveu todo um conjunto de concepções sobre a consciência e suas relações com os outros fenômenos psíquicos. Esta teoria, entretanto, não está claramente formulada num texto sistemático. É preciso extraí-la do exame de passagens de várias obras, reunindo diversas indicações. Por sua correspondência, ficamos sabendo que Freud escreveu, em 1915, um texto sobre a consciência, que deveria integrar sua coleção sobre a metapsicologia. Entretanto, parece que não ficou satisfeito com o resultado, pois não o publicou nem conservou.

A importância do estudo da consciência para a psicanálise

Há poucos estudos psicanalíticos sobre a consciência. Embora o inconsciente ocupe o lugar central, na psicanálise, não devemos esquecer que a própria definição do inconsciente só pode ser feita em relação à consciência. O inconsciente não é jamais diretamente observável. Ele só pode ser inferido, de maneira sempre incerta. Por vezes, essa inferência pode ser feita a partir do comportamento de uma pessoa. É o caso dos atos falhos descritos por Freud (1901/1960), em sua *Psicopatologia da Vida Cotidiana.* Ou ainda, a inferência pode, eventualmente, basear-se na mímica do sujeito, como é o caso da observação que Freud faz da expressão mista do rosto do "Homem dos ratos", indicando simultaneamente prazer e desprazer (Freud, 1909/1955, pp. 166-167). Entretanto, é sobretudo a partir da análise do discurso que a incidência do inconsciente pode ser discernida.

Em seu discurso, o sujeito fala daquilo de que tem consciência. Mas, ao mesmo tempo, o inconsciente também se exprime através de seu discurso, na escolha de algumas palavras, na insistência de alguns significantes, nos lapsos de linguagem eventualmente cometidos, nas associações, etc. É portanto sobre um fundo de consciência que o inconsciente se revela, é entre as malhas conscientes que ele tece sua trama. O próprio conteúdo consciente do discurso está sempre relacionado ao inconsciente, seja por aproximações, seja por afastamentos ou evitações.

Freud atribuía grande valor, na técnica da psicanálise, às "idéias incidentes" (em alemão, *Einfälle*, geralmente traduzidas por "associações"). Estas são idéias que vêm subitamente à mente do sujeito, sem que ele saiba a razão. A frase "Isto não tem nada a ver com o que eu estava dizendo, mas..." indica, em psicanálise, a presença de uma ligação inconsciente. A idéia incidente é consciente, mas ela indica a aproximação de uma idéia inconsciente. Já o esquecimento de uma palavra do discurso consciente aponta para a necessidade de se afastar de uma representação inconsciente.

Toda a análise do discurso feita pela psicanálise indica que o conteúdo da consciência é sempre marcado pela influência do inconsciente. E é através da investigação do jogo desta influência que o analista e o analisando podem aceder ao inconsciente. Donde a importância de saber o que é o "tornar-se consciente" para compreender o que é "não se tornar consciente" e, sobretudo, "não poder se tornar consciente".

Na prática psicanalítica, o analista explora aquilo de que o paciente pode ter consciência, para chegar a seu inconsciente. Ele pode, por exemplo, chamar a atenção para uma palavra que o paciente disse e perguntar-lhe: "Isto faz você pensar em que?"

Freud atribuía grande importância, na clínica, à tomada de consciência, pelo paciente, daquilo que era inconsciente. "Tornar o inconsciente consciente" era, para ele, o alvo da psicanálise. Esta definição levou a psicanálise a um desvio, sobretudo no início de sua prática, consistindo em fazer da análise uma explicação intelectual, para o paciente, de seu inconsciente. A antítese deste movimento foi a recusa de dar ao paciente qualquer interpretação de conteúdo (presente na mente do analista), promovida, sobretudo pela orientação lacaniana.

Freud marcou a diferença entre uma tomada de consciência puramente intelectual e aquilo que visa a psicanálise:

> *Quando comunicamos a um paciente uma representação que a seu tempo ele recalcou e que identificamos, isto a princípio em nada altera seu estado psíquico. Isto de forma alguma suspende o recalque, nem anula seus efeitos, como se poderia talvez esperar, já que a representação anteriormente inconsciente tornou-se agora consciente... Efetivamente, não se produz qualquer suspensão do recalque antes que a representação consciente, após a superação das resistências, tenha se ligado ao traço de lembrança inconsciente. Só ao fazer consciente este próprio traço é que se alcança o sucesso.* (Freud, 1915/1982, II, p. 134)

Entretanto, a questão de como um traço de lembrança inconsciente pode chegar à consciência não é de forma alguma simples. Podemos admitir que é a intervenção eficaz do analista, seja qual for sua natureza, que põe em movimento, no discurso do paciente, novas cadeias associativas, que correspondem a novas relações com seu inconsciente. Estas, por sua vez, é que levarão a mudanças na sua maneira de viver. Estas novas cadeias associativas correspondem a novos conteúdos da consciência, ou seja, a modificações no que chega até a consciência, mesmo que esses conteúdos

4 Encontramos a mesma afirmação em *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/1982, p. 287).

não sejam *sobre* os conteúdos inconscientes em questão. Podemos mesmo dizer que esta tomada de consciência de uma representação recalcada se dá, sobretudo, quando os novos conteúdos conscientes não são fórmulas ensinadas ao paciente pelo analista a respeito de seu inconsciente, mas sim conteúdos conscientes surgidos no jogo de seu próprio processo de perlaboração[5].

Assim, a questão pertinente, do ponto de vista da clínica, é o que faz com que algo possa chegar à consciência, e portanto ao discurso consciente, que antes não podia.

A consciência no *Projeto* de 1895

No modelo teórico apresentado no *Projeto de uma Psicologia*, manuscrito de 1895, a consciência é atribuída à atividade de um sistema hipotético de neurônios, o sistema ω (ômega). Este está em conexão com o sistema ψ (psi), que é responsável pelos processos psíquicos em geral: percepção, memória, desejos, fantasia, etc. Em relação à percepção consciente, Freud supõe que a excitação proveniente do mundo exterior atinge inicialmente o sistema ϕ (phi), ligado aos receptores sensoriais, de onde se transmite a ψ e finalmente a ω (Freud, [1895/]1950/1975).

A escolha dessas letras gregas não é difícil de explicar: ϕ e ψ são as iniciais de fisiológico e psíquico, respectivamente, e ω assemelha-se graficamente à letra W, inicial da palavra alemã para percepção, *Wahrnehmung*. Vemos desde aí a íntima conexão que Freud estabelece entre percepção e consciência.

A consciência, no entanto, não é só percepção consciente, ela compreende também as lembranças conscientes, as fantasias conscientes, os desejos conscientes, o pensamento consciente, etc. No *Projeto*, Freud os concebe todos como processos que ocorrem num sistema (*psi*) e cuja consciência é constituída pela atividade de outro (*ômega*). A consciência que uma pessoa tem de seus próprios processos psíquicos, ou de seu conteúdo, é uma forma de percepção, pelo sistema *ômega*, de parte do que se passa em *psi*. Em relação a todos esses processos, o esquema do *Projeto*, como veremos, não será fundamentalmente modificado.

Qual a função deste sistema neural *ômega*? Qual a relação da consciência enquanto atividade do sistema *ômega* com os diversos eventos psíquicos, como a percepção, o pensamento, a lembrança, as emoções, o desejo ou a fantasia? O sistema *ômega* é concebido como um sistema adaptado à detecção de qualidades. Por um lado, qualidades sensoriais, respondendo pela consciência perceptiva. Por outro, qualidades de prazer e de desprazer, ligadas aos estados de tensão no sistema *psi* (Freud, [1895/]1950/1975, parte I, capítulos 8 e 9).

A vivência de satisfação e a vivência de dor, descritas por Freud nos capítulos 11 e 12 da parte I do *Projeto*, provocam sensações de prazer ou desprazer em *ômega*, mas não dependem delas. Também os efeitos dessas vivências, descritos no capítulo 13, que são, respectivamente, o desejo e a defesa primária, não dependem de *ômega*, pois se produzem automática e inconscientemente em *psi*.

Uma primeira função do sistema da consciência (*ômega*), descrita no *Projeto* (parte I, capítulo 15), concerne às *indicações de realidade*, ou indicações de qualidade sensorial, que permitem distinguir entre uma percepção e uma representação derivada da memória. Estas indicações de realidade, possibilitadas pelo processo secundário, que inibe o investimento alucinatório ou a defesa primária excessiva, servirão para orientar os processos do pensamento e a eventual descarga por ocasião da ação específica que produz a satisfação.

Como se dá a percepção consciente?

Na carta a Fliess de 1º de janeiro de 1896, Freud vai sugerir uma modificação deste esquema, na qual a excitação sensorial proveniente de ϕ atinge primeiro ω e depois ψ. Toda percepção do mundo exterior seria então consciente (Freud, [1896/]1950/1966).

Esta concepção será mantida em suas formulações posteriores. Ela tem, entretanto, o inconveniente de não dar lugar à percepção subliminar ou a outras formas de percepção não consciente, fenômenos hoje bem demonstrados (Bornstein & Pittman, 1992; Mack & Rock, 1998). Para explicá-las, seria preciso admitir a existência de duas vias: ϕ-ω-ψ, para a percepção consciente, e ϕ-ψ para a percepção não consciente. Nos dois casos, se chegaria a *psi*, onde as percepções poderiam ser registradas na memória e entrar em relação com outros processos psíquicos, como as lembranças, desejos, fantasia, pensamento, etc..

Entretanto, como observa Erdelyi, a suposição de um acesso direto da percepção à consciência, sem seletividade ou censura, é "inconsistente com a propensão geral dinâmica da psicanálise" e não permite explicar o fenômeno experimental da defesa perceptiva contra estímulos geradores de ansiedade (Erdelyi, 1985, p. 125). Já o esquema do *Projeto*, segundo o qual a excitação proveniente de *phi* atinge primeiramente *psi*, de onde se propaga a *ômega* no caso da percepção consciente, permite explicar tanto a percepção não consciente quanto a defesa perceptiva.

É interessante observar que o novo esquema também parece incompatível com uma observação posterior do próprio Freud, sobre os casos de cegueira histérica:

"Experimentações judiciosas mostraram que os cegos por histeria vêem, apesar de tudo, num certo sentido, ainda que não em sentido pleno... Os cegos por histeria só são cegos, portanto, para a consciência; no inconsciente, eles são videntes." (Freud, 1910/1993, p. 180).

Para que isto seja possível, parece ser necessário que as percepções sejam inicialmente inconscientes (pré-conscientes) e que sua consciência seja uma segunda etapa.

O sistema da consciência

Posteriormente, Freud abandonou a letra ω para designar o sistema da consciência, mas conservou seu conceito. Introduziu para ele uma nova abreviação, geralmente traduzida como *Cs* (em alemão, *Bw*, de *Bewusstsein*, consciência)[6]. No

5 Sobre este conceito (em alemão, *Durcharbeiten*), ver Freud (1914/1958).

6 Há na verdade uma ambigüidade em relação à abreviação *Cs (Bw)*, que ora significa *consciência*, ora *consciente*. *Ics (Ubw)*, ao contrário, significa sempre *inconsciente.*

capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos*, encontramos novas indicações sobre sua concepção da consciência. Como considera a percepção como essencialmente consciente e, por outro lado, vê a própria consciência (de outros processos psíquicos) como uma forma de percepção, Freud freqüentemente usa também o conceito de *sistema percepção-consciência*, ou *Pcp-Cs* (em alemão, *W-Bw*).

> *Que papel sobra, em nossa apresentação, para a consciência, antes toda poderosa e que tudo ocultava? Nenhum outro que o de um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas. [...Considero] a percepção pela consciência como a função própria de um sistema particular, ao qual convém a abreviação de Cs.* (Freud, 1900/1982, cap. 7, F, p. 583)

Freud fazia uma dicotomia entre qualidade e quantidade. Para ele, os processos inconscientes e pré-conscientes envolviam unicamente quantidades de excitação no aparelho psíquico. Já a consciência se caracterizava pela identificação de qualidades, transmitidas, de alguma forma, pelas excitações provenientes dos órgãos dos sentidos.

Além das percepções do mundo exterior, a consciência percebe variações do nível de tensão do aparelho psíquico como sensações de prazer e desprazer. As "excitações de prazer e de desprazer... apresentam-se como quase a única qualidade das transposições de energia no interior do aparelho" (Freud, 1900/1982, cap. 7, D, p. 547). Além disso, Freud indica aqui um outro tipo de conteúdo para a consciência. Ela percebe também uma parte dos processos de pensamento do pré-consciente[7].

> *... a consciência, que tem para nós o sentido de um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas, é excitável, no estado de vigília, a partir de dois lugares. A partir da periferia do aparelho global, do sistema da percepção, em primeira linha; e em seguida, a partir das excitações de prazer e desprazer... Mas... a consciência... tornou-se também um órgão sensorial para uma parte de nossos processos do pensamento. Há... duas superfícies sensoriais, uma do perceber, a outra voltada para os processos de pensamento pré-conscientes.* (Freud, 1900/1982, cap. 7, D, p. 547)

Alguma qualidade associada a esses processos pré-conscientes seria necessária para sua identificação pela consciência, e Freud (1900/1982, cap. 7, pp. 547, 554) supõe que as representações de palavras teriam restos de qualidade suficientes para isto.

Uma nova função da consciência é também indicada. Esta consciência dos processos psíquicos do pré-consciente permitirá tornar "o desenrolar das representações mais independente das indicações de desprazer, para possibilitar desempenhos mais finos" (*ibid.*). A consciência do pensamento permite uma relativa independência face ao princípio do prazer.

> *A tendência do pensar deve, portanto, ir no sentido de se liberar cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer, e de reduzir o desenvolvimento de afeto, pelo trabalho do pensamento, a um mínimo que seja ainda utilizável como sinal. Por meio de um novo superinvestimento, mediado pela consciência, este refinamento do desempenho deve ser atingido* (Freud, 1900/1982, cap. 7, F, p. 572)

A consciência como percepção e sua relação com a realidade psíquica

A consciência é então, para Freud, consciência da percepção do mundo externo, consciência dos estados afetivos do continuum prazer-desprazer, e consciência de uma parte dos processos psíquicos do próprio sujeito. Este terceiro aspecto sem dúvida tem grande interesse, do ponto de vista das neuroses e da prática psicanalítica.

A consciência que o sujeito tem de seus próprios processos psíquicos é, ela mesma, assimilada a uma forma de percepção. Num processo psíquico consciente, há então dois elementos, o próprio processo e sua percepção pela consciência.

> *Todo o consciente tem um estágio prévio inconsciente... O inconsciente*[8] *é o psíquico propriamente real,* tão desconhecido para nós, na sua natureza interna, quanto o real do mundo exterior, e dado a nós através dos dados da consciência de forma tão incompleta quanto o mundo exterior através do depoimento de nossos órgãos sensoriais. (Freud, 1900/1982, cap. 7, F, p. 580)

A concepção de Freud a este propósito é nitidamente kantiana. Segundo Kant, os estados mentais não podem ser conhecidos tais como são em si, mas simplesmente tais como aparecem ao senso interno (Kant, 1787 [B, p. 55]/1911 [pp. 62-63]). Para ele, só nos percebemos internamente na medida em que somos afetados por nós mesmos (Kant, 1787 [B, pp. 69,152-153]/1911 [pp. 70-71, 120]). Toda experiência, tanto a interna quanto a externa, só nos dá a conhecer objetos tais como eles aparecem para nós, pois depende não só do caráter do objeto como daquele do sujeito e de sua receptividade (Kant, 1798 [§7]/1917 [p. 141]). Kant afirma ainda que não nos conhecemos como somos, mas tão somente como parecemos a nós mesmos (1787 [B, pp. 155-156, 158]/1911 [p. 122]).

Se Freud conhece bem a posição de Kant relativa à percepção externa, ele se equivoca, no entanto, em relação à concepção kantiana do sentido interno. Ele escreve:

> *A suposição psicanalítica da atividade mental inconsciente nos aparece... como a extensão da correção trazida por Kant à nossa concepção da percepção externa. Assim como Kant nos advertiu a não deixar passar despercebido o condicionamento subjetivo de nossa percepção e a não considerar nossa percepção como idêntica ao que é percebido mas não é conhecível, da mesma forma a psicanálise nos alerta a não por a percepção pela consciência no lugar do processo psíquico inconsciente que é seu objeto. Como o físico, o psíquico também não tem necessidade, com efeito, de ser como nos aparece.* (Freud, 1915/1982, p. 130)

---

7 Esta idéia já havia sido indicada, de forma não muito clara, no *Projeto* (Freud, [1895/]1950/1975, pp. 364-365).

8 O "inconsciente" deve ser compreendido aqui no sentido descritivo, incluindo tanto o inconsciente sistemático quanto o pré-consciente.

Freud se engana, entretanto, ao crer que esta extensão foi feita pela psicanálise, pois o próprio Kant já a havia feito, como indicado acima.

A perspectiva de Natsoulas sobre a teoria freudiana da consciência: A consciência como qualidade intrínseca

Thomas Natsoulas (1993) distingue três teorias da consciência. A primeira considera a consciência como uma propriedade intrínseca dos fenômenos psíquicos. Estes teriam uma natureza "auto-reveladora" (em inglês, *self-intimational*), segundo o termo de Ryle (1949). Se aplicada a todos os fenômenos psíquicos, esta tese exclui, evidentemente, a existência de processos psíquicos inconscientes. Mas é também possível considerá-la válida tão somente para uma parte dos fenômenos psíquicos, como o faz o próprio Natsoulas.

A segunda teoria considerada por este autor, por ele chamada de "teoria do olho mental", considera a consciência como uma forma de percepção voltada para os fenômenos mentais. Para esta teoria, a consciência não é uma propriedade intrínseca dos processos conscientes. Nestes, considera-se que há dois elementos: o próprio processo mental e sua "percepção" pela consciência.

Para a terceira teoria, a consciência também não é intrínseca aos processos mentais em questão, ela depende igualmente da ocorrência de outro processo mental, mas este não é concebido como uma percepção. Esta teoria é chamada por Natsoulas de "teoria do acessório" (em inglês, *appendage theory*). Um evento mental não basta para se ter consciência, é preciso haver dois, o segundo conferindo consciência ao primeiro. Nesta categoria o autor inclui a teoria de Rosenthal (1986), segundo a qual o que confere consciência a um estado mental é um pensamento de ordem superior, o qual é, em geral, ele mesmo inconsciente.

Natsoulas rejeita tanto a terceira quanto a segunda teoria, e também não considera que esta última corresponda à posição de Freud. A despeito de todas as afirmações de Freud assimilando a consciência a um órgão sensorial e atribuindo a ela uma função de percepção, Natsoulas (1984) crê que, para Freud, a consciência é propriedade intrínseca a uma parte dos eventos mentais e que estes, são, portanto, "auto-reveladores" *(self-intimating)*.

Segundo ele, no esquema do *Projeto*, os processos do sistema *ômega* são intrinsecamente conscientes. O que ele esquece é que, neste esquema, todos os processos psíquicos (exceto a própria consciência), se desenvolvem no sistema *psi*. Não há nem pensamentos, nem lembranças, nem desejos, etc. no sistema *ômega*. Mesmo as percepções, segundo o *Projeto*, ocorrem inicialmente em *psi*. (Voltaremos, adiante, ao caso das percepções conscientes, na concepção posterior ao *Projeto*.) Os processos *ômega* são tão somente a consciência de todos esses outros processos. Portanto, os pensamentos, lembranças, desejos, fantasias, etc. não são nunca *intrinsecamente* conscientes. Eles podem *tornar-se* conscientes (se pertencerem ao pré-consciente) e isto ocorre quando eles desencadeiam processos *ômega*.

Ora, dizer que os próprios processos *ômega* são intrinsecamente conscientes, como faz Natsoulas, recai numa afirmação vazia. O que importa é saber se um desejo consciente, por exemplo, é *intrinsecamente* consciente ou não, ou seja, se a consciência é uma propriedade intrínseca do próprio desejo ou algo que se acrescenta a ele. Se o desejo ocorre em *psi* e a consciência desse desejo ocorre em *ômega*, esta consciência não é intrínseca ao desejo. Dizer que essa própria consciência é intrinsecamente consciente não é mais do que uma tautologia.

Creio que a fonte do equívoco de Natsoulas está numa passagem do *Projeto*, da qual ele tirou a denominação "teoria do acessório" *(appendage theory)*. Esta passagem envolve duas questões que, se bem que imbricadas, devem ser distinguidas: a questão da explicação da consciência e a questão da relação consciência-cérebro (Gomes, 1995; 1998). Comparando sua teoria da consciência com outras, Freud escreve:

> *Segundo uma teoria mecanicista avançada, a consciência é um simples acessório*[9] *dos processos fisiológico-psíquicos, cuja não ocorrência nada alteraria ao transcorrer psíquico.* (Freud, [1895/]1950/1975, p. 320).

O que está em questão aqui? Será a relação da consciência com os outros processos psíquicos (seja qual for a relação tanto destes quanto da própria consciência com os processos fisiológicos)? Ora, se a consciência fosse também, neste contexto, considerada como um "processo fisiológico-psíquico" (como decorre de sua conceituação como atividade do sistema neuronal *ômega*), a frase citada não teria sentido. Se x pertence a A, x não pode ser um acessório de A (no sentido de algo externo a A, cuja omissão não mudaria A). Ao que tudo indica, não é da consciência enquanto função psíquica que ele está falando, mas da consciência tal como a conhecemos pela introspecção.

O que está em questão, portanto, é o problema colocado pela consciência, considerada da perspectiva da primeira pessoa, à concepção da relação mente-cérebro (Gomes, 1995; 1998). A teoria considerada por Freud na passagem citada é a do epifenomenalismo, segundo a qual a consciência é uma realidade imaterial, porém completamente determinada pelos processos cerebrais (ou, pelo menos, paralela a eles), sobre os quais não exerce qualquer ação. O "simples acessório" de que fala Freud é o epifenômeno na relação mente-cérebro.

Já o acessório do qual fala Natsoulas é outro, é o estado mental que torna consciente um outro estado mental (como na teoria de Rosenthal). Dentro desta concepção, o "acessório" (ou seja, o estado mental de ordem superior) pode muito bem ser um outro processo "fisiológico-psíquico", que pode muito bem ter efeitos causais (negados ao epifenômeno), ou seja, sua omissão não deixaria inalterado o transcorrer psíquico.

Vejamos agora as duas outras teorias consideradas por Freud na seqüência de seu texto. Uma delas considera que "a consciência é o lado subjetivo de todos os eventos psíquicos e é portanto inseparável do processo anímico[10] fisiológico" (Freud, [1895/]1950/1975, p. 320). Reconhecemos aqui a teoria da identidade ou dos dois aspectos, na relação mente-cérebro (ou relação consciência-cérebro), fundida à tese de que todos os eventos psíquicos são conscientes.

---

9 No original, *Zutat*, traduzido em inglês por *appendage*.

10 A palavra alemã aqui traduzida por "anímico" *(seelisch)* pode ter, mas não tem necessariamente (e neste contexto não tem) a conotação de ser algo imaterial.

A outra, adotada por ele, considera a consciência como o lado subjetivo de uma parte desses eventos fisiológicos psíquicos. Temos aqui, novamente, a teoria dos dois aspectos, aplicada, no entanto, apenas a uma parte dos eventos psíquicos. Freud formula sua teoria, explicitamente, da seguinte maneira:

> *A consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, a saber, os processos* ω*, e a não ocorrência da consciência não deixa o acontecer psíquico inalterado, mas inclui em si a não ocorrência da contribuição de* ω. (Freud, [1895/]1950/1975, p. 320).

Quanto à relação mente-cérebro, sua teoria é portanto uma teoria dos dois aspectos, não aplicada a todos os processos psíquicos (como em outros autores), mas a uma parte deles. A omissão da consciência compreende a omissão da atividade dos neurônios *ômega*. Portanto, não se trata mais da omissão de uma realidade psíquica considerada como imaterial, mas ligada ainda assim a processos cerebrais (como na teoria epifenomenalista). Consciência e atividade dos neurônios *ômega* correspondem a dois aspectos da mesma realidade. Não é possível que ocorram os processos neurais deste sistema sem que ocorra a consciência.

Além disso, é uma teoria que atribui a consciência a um sistema neural específico. Mais ainda, ela considera que os pensamentos, desejos e lembranças ocorrem, eles mesmos, fora deste sistema. Ou seja, eles são eventos mentais que se tornam conscientes ao serem percebidos pela consciência, mas que já existem, enquanto eventos mentais, antes disso. Não são, portanto, intrinsecamente conscientes.

A percepção, por outro lado, a partir da carta de 1º de janeiro de 1896, pode ser considerada como um processo intrinsecamente consciente. Como vimos, ele propõe aí que a excitação proveniente do mundo externo, através de *phi*, atinge inicialmente *ômega*. Se as percepções ocorrem em *ômega*, podemos de fato considerá-las, neste novo esquema, como sendo *intrinsecamente* conscientes. Para a percepção não haveria a necessidade de outro evento mental para torná-la consciente. Em textos posteriores, Freud manterá esse novo esquema.

Natsoulas (1985) reconhece que, na teoria freudiana, muitos processos mentais não são intrinsecamente conscientes. Chama a consciência destes de "derivada" ou "adquirida", ocorrendo quando processos não conscientes "obtêm acesso a certos... processos psíquicos que são intrinsecamente conscientes..." (Natsoulas, 1985, p. 185). Seja como for, isto já basta para concluir que a consciência, para Freud, não é necessariamente uma propriedade intrínseca. E nos casos de consciência derivada, a concepção de Freud se encaixa no que Natsoulas chamou de "teoria do olho mental", considerando a consciência como uma forma de percepção, a qual não deixa também de ser um "acessório" (no sentido de Natsoulas), ou seja, um processo mental suplementar que torna consciente o processo originalmente inconsciente (pré-consciente).

A consciência dos afetos

Vimos que, além das percepções, tornam-se conscientes sensações de prazer e desprazer e certos processos pré-conscientes. Freud concebe os afetos como processos de descarga ou acumulação de tensão que ocorrem no aparelho psíquico e são percebidos pela consciência como sensações da série que vai do prazer ao desprazer (aí incluindo a angústia). Em 1926, ele escreve:

> *[Fazemos a hipótese da existência de]... um sistema, um órgão, cuja excitação, por si só, faz com que o fenômeno que chamamos consciência se produza. Este órgão pode ser excitado tanto do exterior... quanto do interior, onde pode tomar conhecimento, primeiro, das sensações [sentimentos] no isso [id], e em seguida, igualmente, dos processos no eu [ego].* (Freud, 1926/1994, p. 21).

Isto significa que os processos do isso (id) não são completamente inacessíveis à consciência, ao contrário do que se poderia pensar. As *representações* do isso (ou do inconsciente sistemático) são sempre inacessíveis à consciência, mas não as descargas afetivas.

Os afetos são, portanto, processos do isso (ou *id*), percebidos pelo sistema *Cs*. De fato, Freud considera que, exceto quando são impedidos de se desenvolver, ou seja, suprimidos *(unterdrückt)* (Freud, 1915/1982, p. 137), os afetos são obrigatoriamente percebidos pela consciência.

> *Em sentido estrito..., não há afetos inconscientes como há representações inconscientes... Toda a diferença vem de que as representações são investimentos – no fundo, de traços de lembranças – enquanto que os afetos e sentimentos [ou emoções,* Gefühle*] correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são* percebidas *como sensações [ou sentimentos,* Empfindungen*].*[11] (Freud, 1915/1982, p. 137, sublinhado por mim)

Parece que, se não há, para Freud, emoção ou afeto propriamente inconscientes, esta inexistência é mais uma contingência de fato que um pertencimento da consciência a estes processos como propriedade intrínseca. Pode acontecer que estes processos *se tornem* sempre conscientes, mas, para Freud (1923/1982, p. 291), eles ocorrem no sistema inconsciente e só se tornam conscientes ao afetarem o sistema da consciência. Na citação acima, a consciência aparece como efeito das "manifestações finais" desses processos e, mais uma vez, como percepção.

Em *O Eu e o Isso*, Freud volta à questão da consciência dos estados afetivos:

> *A percepção interna fornece sensações [ou sentimentos,* Empfindungen*]... [que] são mal conhecidas, podendo valer*

11 A tradução dos termos *Gefühl* e *Empfindung* é problemática, já que o primeiro pode ser traduzido como emoção (*emotion*, na *Standard Edition*, vol. 14, p. 178) ou sentimento (*sentiment*, nas *Œuvres complètes: Psychanalyse*, vol. 13, pp. 219-220)) e o segundo como sentimento (*feeling*, na *Standard Edition*, *ibid.*) ou sensação (*sensation*, nas *Œuvres complètes: Psychanalyse, ibid.*; *sensation*, na *Standard Edition*, vol. 19, pp. 21-22). Não há correspondência perfeita entre as palavras das diversas línguas, e mesmo em cada uma destas, estes termos não têm um campo semântico claramente delimitado e distinto. *Gefühl*, por exemplo, também pode ser usado no sentido de sensação (por exemplo, de frio), assim como *sensação* pode ser usada no sentido de sentimento ou emoção (por exemplo, na expressão "causar sensação").

> *como melhores modelos delas as sensações da série prazer-desprazer... Chamemos o que se torna consciente como prazer e desprazer de uma "outra coisa" [*ein Anderes*], quantitativa e qualitativa, no transcorrer mental... Permanece certo... que também as sensações [ou sentimentos,* Empfindungen*] e sentimentos [ou emoções,* Gefühle*] só se tornam conscientes ao chegar ao sistema Pcp; se a progressão é barrada, não se realizam como sensações, embora a "outra coisa" que corresponde a elas, no transcorrer da excitação, seja a mesma.* (Freud, 1923/1982, pp. 290-291)

Vemos que, se Freud acha que deveríamos respeitar a norma terminológica de só falar em afetos, emoções, sentimentos, etc., quando estes forem conscientes, ele reconhece que há processos inconscientes que são a causa dessas experiências conscientes. Podemos mesmo ver uma diferença de posição entre 1915 e 1923. Em *O Inconsciente*, Freud diz que "ao afeto inconsciente só corresponde [no *Ics*] uma possibilidade de começo, à qual não foi permitido chegar a desdobrar-se" (Freud, 1915/1982, p. 137). Já em *O Eu e o Isso*, como vimos, ele fala em uma "outra coisa" que permanece a mesma, no *Ics*, quer seja percebida ou não pela consciência.

Enfatiza uma diferença, entretanto, entre os processos afetivos inconscientes e as representações inconscientes. Estas só se tornam conscientes através da etapa intermediária do pré-consciente *(Pcs)*. As sensações, ao contrário, atingem diretamente o sistema *Pcp-Cs*. "Para os sentimentos [ou sensações, *Empfindungen*], a distinção entre *Cs* e *Pcs* não tem sentido..., os sentimentos ou são conscientes ou inconscientes" (Freud, 1923/1982, p. 291).

A consciência dos processos do eu

Quanto às representações, elas só podem ser percebidas pela consciência se pertencerem ao pré-consciente (na segunda tópica, ao eu). Isto significa que todo o pensamento consciente (desejos conscientes, lembranças conscientes, fantasias conscientes, pensamentos conscientes propriamente ditos, etc.) corresponde a processos que se passam nessa região do eu que é o pré-consciente e que são percebidos por essa outra região do eu que é o sistema *Cs*.

A propriedade de ser pré-consciente, isto é, suscetível de tornar-se consciente, é dada para Freud pela ligação entre representações de coisa (*Dingvorstellungen*) e representações de palavra (*Wortvorstellungen*). Isto significa que o sistema da linguagem é indispensável, segundo Freud, não para a percepção consciente nem para os sentimentos e emoções conscientes, mas sim para o pensamento consciente (aí incluindo as lembranças conscientes, as fantasias conscientes, os desejos conscientes, etc.).

A ligação com uma representação de palavra torna uma representação pré-consciente, mas não ainda consciente. O pensamento consciente é mais seletivo, mais focalizado, mais dirigido. É preciso um mecanismo de atenção, que Freud descreve como um novo superinvestimento (ou hipercatexia), para tornar consciente uma representação pré-consciente. As representações pré-conscientes são formações duráveis e até seus investimentos são relativamente estáveis (embora também haja processos – ou seja, séries de transformações sucessivas – no pensamento pré-consciente). A consciência, ao contrário, se caracteriza por seu caráter transitório, fugitivo.

O caráter transitório da consciência

Nada permanece, ao nível da consciência.

> *...em geral, a consciência é somente um estado extremamente fugitivo. O que é consciente só o é por um momento. Quando nossas percepções não o confirmam, isto é só uma contradição aparente; ela é explicada pelo fato de que os estímulos que evocam a percepção podem persistir por períodos mais longos, de tal forma que a percepção pode se repetir. Todo este estado de coisas é claro em relação à percepção consciente de nossos processos de pensamento, que podem igualmente persistir, mas podem também passar num piscar de olhos*. (Freud, 1938/1941, cap. 4, p. 83)

Freud expressou, em várias ocasiões, sua adesão à tese de Breuer (1895/1955, pp. 188-189, n.) sobre a incompatibilidade entre percepção e memória, válida também para a consciência (Freud, [1895/]1950/1975, p. 308; 1900/1982, cap. 7, B, p. 514; 1925/1961, p. 228). O sistema percepção-consciência não deve reter qualquer traço, para que esteja sempre receptivo aos novos estímulos. Imagina ainda que esta transitoriedade das impressões conscientes seja efetivada da seguinte maneira. O sistema *Pcp-Cs* receberia pequenos investimentos, vindos do inconsciente (Freud, 1925/1961, p. 231), ou do eu (Freud, 1925/1982, p. 376), em impulsos periódicos rápidos. Só teria sua capacidade perceptiva ao estar assim investido, de forma que a intermitência deste investimento apagaria continuamente as impressões do momento imediatamente anterior.

Relações entre a consciência, o pré-consciente e o inconsciente

Tornar-se consciente, para uma representação, significa, portanto, ser percebida por este sistema onde as excitações se produzem de maneira fugaz e sem deixar traço. Entre as representações do pré-consciente, só algumas são escolhidas pela atenção, a cada momento, para tornarem-se conscientes. Podemos desde logo observar que a prática psicanalítica vai exercer uma grande influência sobre esta escolha, ao insistir sobre a verbalização e a exploração das idéias incidentes (associações livres), ao apontar os lapsos, ao sublinhar as reticências, as interrupções, a repetição de certos significantes, etc., induzindo assim o paciente a seguir cadeias associativas que normalmente não seguiria. No consultório do psicanalista, diversas representações pré-conscientes, que ordinariamente não teriam chegado à consciência, se tornarão conscientes. E este exercício se generaliza a momentos fora do consultório, em que o paciente, em sua vida cotidiana, será levado a tomar consciência de representações de seu pré-consciente que, sem esta influência, teriam permanecido não conscientes.

Devemos supor que esta nova consciência de representações do pré-consciente exerce, por sua vez, uma influência sobre as relações deste com o inconsciente propriamente dito.

Esta questão, entretanto, não parece ter sido aprofundada nos textos freudianos, que nos dão apenas algumas indicações. Em *O Inconsciente*, Freud diz que há no *Pcs* derivados do *Ics* que, quando mais intensamente investidos, sofrem a ação de uma segunda censura, que os impede de tornarem-se conscientes.

> *No tratamento [*Kur*] psicanalítico..., convidamos o doente a formar derivados do Ics, em abundância, fazemos com que se comprometa a superar as objeções da censura contra o tornar-se consciente destas formações pré-conscientes, e abrimos caminho*[12]*, através da vitória sobre esta censura, para a suspensão do recalque, que é obra da censura anterior.* (Freud, 1915/1982, parte VI, p. 152)

Ao perguntar "Em que você está pensando?", o analista pede que o paciente vença suas objeções à verbalização de um conteúdo consciente. Isto pode levá-lo a novos caminhos associativos, ou seja, pode levar sua atenção a tornar conscientes outros conteúdos pré-conscientes. Ao perguntar "Isto faz você pensar em que?", o analista pede que o paciente vença objeções a tornar conscientes (e verbalizar) novos conteúdos pré-conscientes (que podem ser derivados de conteúdos do *Ics*). Freud não explicita de que forma isto abre o caminho para a suspensão do recalque, ou seja para tornar pré-conscientes (e conscientes, podendo então ser verbalizadas) certas representações inconscientes (recalcadas).

Não devemos esquecer aqui o papel da interpretação. Podemos, de fato, por em dúvida a vantagem de uma completa evitação das interpretações. Por outro lado, podemos supor que o fator decisivo na superação das censuras contra tornar pré-consciente e tornar consciente sejam os estados afetivos do paciente, tais como vividos na relação com o analista.

Conclusão

Concluímos que, embora Freud não tenha publicado um trabalho específico sobre o assunto, as passagens em que abordou questões relativas à consciência são suficientes para montarmos um quadro bastante nítido de sua concepção sobre ela. Foi atingido, portanto, o objetivo proposto no início deste trabalho. Vimos que, para Freud, a consciência é a função de um sistema específico do aparelho psíquico, responsável pela percepção do mundo exterior, de sentimentos e de processos do pré-consciente. Vimos como esses processos de tomada de consciência se articulam às instâncias do aparelho psíquico freudiano, explorando ainda sua relação com a clínica psicanalítica. Isso nos dá uma base para um novo desafio, o de verificar como essa concepção teórica freudiana pode se relacionar aos recentes desenvolvimentos da teoria da consciência, nas áreas da neurociência, da psicologia cognitiva e da filosofia da mente.

12 No original, *Wir... bahnen uns... den Weg...* Ao verbo *bahnen* corresponde o substantivo *Bahnung*, usado desde o *Projeto* de 1895, no sentido de facilitação, ou trilhamento, de caminhos associativos.

Referências

Baars, B.J. (1988). *A Cognitive Theory of Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press.

Baars, B.J. (1997). *In the theatre of consciousness*. Oxford: Osford University Press.

Block, N. (1995a). On a confusion about a function of consciousness. *Behavioral and Brain Sciences*, 18 (2), 227-287.

Block, N. (1995b). Consciousness. Em S. Guttenplan (Org.), *A Companion to the Philosophy of Mind*, p. 215. Oxford: Blackwell.

Bornstein, R.F. & Pittman, T.S. (org.) (1992). *Perception without Awareness.* Nova York: Guilford.

Breuer, J. (1955). Theoretical. (Capítulo 3 de "Studies on Hysteria" de J. Breuer & S. Freud.) Em S. Freud, *Standard Edition*, vol 2. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1895)

Chalmers, D.J. (1996). *The Conscious Brain.* Oxford: Oxford University Press.

Damásio, A. (2000). *O Mistério da Consciência.* Trad. L.T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1999)

Crick, Francis (1994). *The Astonishing Hypothesis.* Londres: Simon & Schuster.

Edelman, G.M. (1989). *The Remembered Present: A Biological Theory of Consciousness*. New York: Basic Books.

Erdelyi, M.H. (1985). *Psychoanalysis: Freud's Cognitive Psychology.* W. H. Freeman.

Fernandes, S.L.C. (1995). *Filosofia e Consciência.* Rio de Janeiro: Arete.

Flanagan, O. (1992). *Consciousness reconsidered.* Cambridge, MA: MIT Press.

Freud, S. (1975). Entwurf einer Psychologie. Em M. Bonaparte, A. Freud e E. Kris (Orgs.), *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho [redigido em 1895 e] originalmente publicado em 1950)

Freud, S. (1966). Extract from Freud's letter 39 to Fliess of January 1, 1896. Em *Standard Edition*, vol. 1, pp. 388-9. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho [redigido em 1896 e] originalmente publicado em 1950)

Freud, S. (1982). Die Traumdeutung. Em *Studienausgabe*, vol. 2. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1900)

Freud, S. (1960). The Psychopathology of Everyday Life. Em *Standard Edition*, 6. Londres : The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1905)

Freud, S. (1955). Notes upon a Case of Obsessional Neurosis. Em *Standard Edition,* vol. 10. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1909)

Freud, S. (1993). Le trouble de vision psychogène dans la conception psychanalytique. Em *Œuvres complètes: Psychanalyse*, vol. 10. Paris, PUF. (Trabalho originalmente publicado em 1910)

Freud, S. (1958). Remembering, repeating and working-through (Further recommendations on the technique of psychoanalysis II). Em *Standard Edition*, vol. 12. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1914)

Freud, S. (1982). Das Unbewusste. Em *Studienausgabe*, vol. 3. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1915)

Freud, S. (1982). Das Ich un das Es. Em *Studienausgabe*, vol. 3. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1923)

Freud, S. (1961). A Note upon the "Mystic Writing-Pad". Em *Standard Edition,* vol. 19. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1925)

Freud, S. (1982). Die Verneinung. Em *Studienausgabe*, vol. 3. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1925)

Freud, S. (1994). La question de l'analyse profane, II. Em *Œuvres complètes: Psychanalyse*, vol. 18. Paris: PUF. (Trabalho originalmente publicado em 1926)

Freud, S. (1941). Abriss der Psychoanalyse. Em *Gesammelte Werke*, vol. 17. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1938)

Freud, S. (1964). Some elementary lessons in psychoanalysis. Em *Standard Edition,* vol. 23. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1938)

Gomes, G. (1995). Self-awareness and the mind-brain problem, *Philosophical Psychology, 8* (2), 155-165.

Gomes, G. (1998). *Contribution à la théorie de la conscience, conçue comme activité du cerveau*. Tese de doutorado, Université Paris 7, Paris, França.

Kant, I. (1911). Kritik der reinen Vernunft. Em *Kant's gesammelte Schriften*, vol. 3. Berlim: G. Reimer. (Trabalho originalmente publicado em 1787)

Kant, I. (1917). Anthropologie in pragmatischer Einsicht. Em *Kant's gesammelte Schriften*, vol. 7. Berlim: G. Reimer. (Trabalho originalmente publicado em 1798)

Mack, A. & Rock, I. (1998). *Inattentional Blindness*. Cambridge (Massachussets): MIT Press.

Marcel, A. & Bisiach, E. (org.) (1988). *Consciousness in contemporary science.* Oxford: Oxford University Press.

Metzinger, T. (org.) (1995). *Conscious Experience.* Thorverton: Imprint Academic/Schöningh.

Natsoulas, T. (1984). Freud and consciousness: I. Intinsic consciousness. *Psychoanalysis and contemporary thought, 7*(2), 195-232.

Natsoulas, T. (1985). Freud and consciousness: II. Derived consciousness. *Psychoanalysis and contemporary thought, 8*, 183-220.

Natsoulas, T. (1993). What is wrong with the appendage theory of consciousness. *Philosophical Psychology, 6*(2), 137-154.

Rosenthal, D.M. (1986). Two concepts of consciousness, *Philosophical Studies,* 49, 329-359.

Rosenthal, D.M. (org.) (1991). *The Nature of Mind.* Oxford: Oxford University Press.

Searle, J. (1997). *The mystery of consciousness.* Nova York: New York Review of Books.

Weiskrantz, L. (1997). *Consciousness Lost and Found.* Oxford: Oxford University Press.

Recebido em 10.11.2002
Primeira decisão editorial em 22.04.2003
Versão final em 27.06.2003
Aceito em 01.07.2003 ■